

que está no rio é Elson Costa, assassinado em 1975. Ele era o encarregado da seção de agitação e propaganda do partido. Na casa de Itapevi, foi interrogado durante vinte dias e submetido a todo tipo de tortura e barbaridade. Seu corpo foi queimado. Banharam-no com álcool e tocaram fogo. Depois, Elson ainda recebeu a injeção para matar cavalo. O corpo de Itair José Veloso também foi jogado da ponte. Ele foi preso no Rio, pelo DOI de São Paulo. Era o inverno de 1975 e o que o levou à morte foi banho de água gelada. Morreu de choque térmico.

VEJA — Por que o DOI de São Paulo fazia prisões no Rio?

CHAVES — Durante a Operação Radar, o DOI de São Paulo passou a fazer uma série de operações no Rio de forma absolutamente clandestina e ilegal. O Rio não era área de jurisdição do DOI de São Paulo.

VEJA — Como era a rivalidade entre os órgãos de informação do Exército, da Marinha e da Aeronáutica?

CHAVES — Existia uma rivalidade grande entre o Centro de Informações do Exército e o Centro de Informações da Marinha, o Cenimar. O Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica, o Cisa, chegou a juntar-se ao Exército numa campanha contra os arapongas da Marinha. Era uma confusão.

VEJA — Voltando ao rio de Avaré. O senhor falou em oito nomes, mas contou só seis.

CHAVES — Um é Jayme Amorim de Miranda, também preso na Operação Radar, numa das incursões do DOI de São Paulo ao Rio. Foi transferido para Itapevi. Seu irmão Nilson Miranda, que era secretário-geral do PCB de Porto Alegre, estava preso no Ipiranga. Um não sabia onde estava o outro. O Nilson sobreviveu. O último corpo que sei ter sido jogado da ponte é o de José Montenegro de Lima, mas esse é um caso especial.

VEJA — Especial por quê?

CHAVES — Porque mostra que dentro dos órgãos de repressão também havia uma quadrilha de ladrões. Logo depois da invasão da gráfica do *Voz Operária*, Montenegro recebeu do partido 60 000 dólares para recuperar uma estrutura de impressão do jornal. Uma equipe do DOI prendeu Montenegro, matou-o com a injeção, e depois foi na sua casa pegar os 60 000 dólares. O dinheiro foi rateado na cúpula do DOI.

VEJA — Até agora o senhor falou de gente presa no Rio e levada para São Paulo. E no sentido inverso?

Um local para formar cachorros

No início dos anos 70, o Exército criou em São Paulo um centro para cooptar cachorros, como eram chamados os militantes de esquerda que viravam informantes do po-rão. A casa fica na Avenida Tereza Cristina, número 58, no bairro do Ipiranga, e recebia presos políticos que assinavam contrato com o Exército para agir como infiltrados. Não há registro de mortes nesse local. A casa foi erguida há quarenta anos pelo funcionário público João Copia e, em 1960, in-

cluída na herança de Dorazzina Perego. Juventino Gusmão, genro de Dorazzina, conta que o imóvel foi alugado entre 1968 e 1976 para um pequeno empresário que ele conheceu apenas como Jarbas. Jarbas saiu devendo vários aluguéis, mas construiu um muro que os proprietários interpretaram como investimento de um homem preocupado com a segurança pessoal. "Se houve tortura lá dentro, nunca foi de nosso conhecimento", afirma Gusmão.



ÁREA DE ADESTRAMENTO — A casa em São Paulo para onde o Exército levava presos políticos para convencê-los a virar infiltrados



OBRA DO INQUILINO — O locatário não tinha dinheiro para pagar o aluguel, mas chegou a construir um muro em frente da casa